

## ARTIGO

### MELHORAMENTO HUMANO, ECTOGÊNESE E IMORTALIDADE:

#### O COSMISMO RUSSO E A ARQUEOLOGIA DO TRANSHUMANISMO

PIETRA DIWAN

Doutora em História pela PUC-SP e realiza pós-doutorado em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR). Autora de *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*.

E-mail: [pietrasd@gmail.com](mailto:pietrasd@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0822-9294>

**RESUMO:** Para entender a relevância das propostas transhumanistas na contemporaneidade, este artigo objetiva recuperar sua historicidade, das propostas de aperfeiçoamento tecnológico do corpo humano feita pelos cosmistas russos até a irradiação de suas ideias nos EUA e na Inglaterra, com geneticistas socialistas e liberais. O ponto culminante desse processo será o uso, pela primeira vez em 1957, do termo “transhumanismo”, por Julian Huxley. Nesta pesquisa, apresentam-se as influências, bem como a dificuldade conceitual em abordar essa temática, devido à escassez de trabalhos e ao hiato no entendimento das implicações da eugenia após 1945 equivocadamente associada ao nazismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** cosmismo; eugenia; transhumanismo; Julian Huxley.

# **HUMAN ENHANCEMENT, ECTOGENESIS AND IMMORTALITY:**

## **RUSSIAN COSMISM AND THE ARCHEOLOGY OF THE TRANSHUMANISM**

**ABSTRACT:** To understand the relevance of transhumanist proposals in contemporary times, this article aims to recover their historicity, from the proposals for the technological improvement of the human body by Russian cosmists to the irradiation of their ideas in the USA and England, through from writings by liberal and left-wing geneticists. The culmination of this process will be the creation of the term “transhumanism”, in 1957, by Julian Huxley. In this research, some of these influences will be unfolded, as well as the conceptual challenge in approaching this theme, due to the scarcity of research. Such an undertaking is hampered by the gap created in understanding the implications of eugenics after 1945 mistakenly associated with Nazism.

**KEYWORDS:** cosmism; eugenics; transhumanism; Julian Huxley.

Recebido em: 08/09/2022

Aprovado em: 01/11/2022

DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-2767.2022v75p89-119>



## Introdução

O transhumanismo contemporâneo apresenta-se hoje como um projeto intelectual sedutor de orientação futurista e utópico, que propõe a transcendência do corpo em suas mais diversas potencialidades. Prega que a humanidade irá se libertar das amarras do Estado e o indivíduo conquistará liberdade sobre sua completa existência, transformando seu corpo e integrando-o com biotecnologias e maquinismos, alçando-o a um patamar superior cuja eficiência ultrapassa capacidades humanas sem transformação. O transhumanismo não se reduz, como uma fácil análise poderia sugerir, às transições, modificações e problematizações em torno da identidade sexual e suas subversões, elaboradas inicialmente no *Manifesto Ciborgue* (HARAWAY, 2016) e, mais recentemente, no *Manifesto Contrassexual* (PRECIADO, 2017).

De forma geral, os transhumanistas não reclamam somente a liberdade para manipular e transformar o corpo em sua biologia identitária, mas prometem romper todas as fronteiras em nome da expansão do indivíduo, sob a justificativa do poder da escolha em nome da sobrevivência da espécie no Antropoceno.<sup>1</sup> Autodenominados libertários,<sup>2</sup> rejeitam quaisquer tipos de eugenia coercitiva e qualquer forma de gerenciamento do corpo pelo Estado (BOSTROM, 2005a). Essa premissa, em princípio, afastaria os transhumanistas da influência eugenista. No entanto, na prática, transhumanistas e eugenistas estão ligados por suas raízes históricas. Como

---

<sup>1</sup> O Antropoceno foi definido como era geológica posterior ao Holoceno e popularizada nos anos 2000. A tese defendida é que nessa nova etapa da periodização do planeta, a atividade humana é tão ou mais impactante do que quaisquer forças “naturais” que atuam sobre a esfera, criando sistemas climáticos novos e potencialmente fatais para a sobrevivência da espécie. Há diversos trabalhos que demonstram as contradições do termo. (DANOWSKI; CASTRO, 2014; HARAWAY, 2015; LATOUR, 2020; SERRES, 1990; TRISCHLER, 2016)

<sup>2</sup> O termo “libertário” é historicamente originado no cerne dos movimentos anarquistas cuja premissa de “ser livre” era proposta através da construção de práticas de liberdade e no gerenciamento de práticas econômicas e sociais. (RAGO, 2008). No contexto transhumanista, o termo libertário está associado à direita liberal, ao desejo e à possibilidade de uma vida livre, sem mediações sociais, legais ou morais, dentro de um sistema econômico de livre mercado e de total autonomia do indivíduo sobre seu corpo, por exemplo, em temas relativos às capacidades reprodutivas, mudança de gênero, técnicas de intervenção médica e terapêutica, e autonomia sobre a morte (eutanásia). O problema do transhumanismo de viés libertário se apresenta numa pretensa moralidade utópica e “neutra” em que “todos são livres” para decidir, enquanto, na realidade, sob um sistema econômico que visa precariedade, o desejo por determinados melhoramentos de alguns aponta para o risco de uma perfectibilidade eugênica, na qual castas de pessoas “atualizadas” ocupam o topo da pirâmide social, em detrimento daquelas consideradas “obsoletas” (RANISCH, 2014).

Bashford reforçou, a eugenia operou tanto em governamentalidades<sup>3</sup> autoritárias e liberais, sob direta coerção, ou através de políticas públicas de inspiração eugênica, de modo que se “encontrarão tantas falas de ‘liberdade’ quanto de ‘coerção’” (BASHFORD, 2013, p. 155). Atualmente, é sobre o argumento de extinção da espécie que transhumanistas como Nick Bostrom apoiam sua narrativa, com o intuito de avançar agendas de desregulamentação de pesquisa em armamentos, energia ou manipulação genética, em nome de um humano 2.0 capaz de combater a possível superação do homem pela inteligência artificial, ou, como mais vulgarmente conceituam, singularidade tecnológica<sup>4</sup> (BOSTROM, 2013; KURZWEIL, 2005).

O matemático e escritor Vernor Vinge (1944 - ) foi taxativo: “em trinta anos, nós teremos os meios tecnológicos de criar uma inteligência super-humana. Logo em seguida, a Era Humana estará finalizada” (VINGE, 1993, p. 2, tradução livre). O texto de Vinge foi escrito sob encomenda para a agência espacial dos Estados Unidos, a NASA, e foi parte constitutiva da conferência *Vision 21: Interdisciplinary Science and Engineering in the Era of Cyberspace*, realizada entre 30 e 31 de março de 1993, num pequeno hotel em Cleveland (Ohio). Ali, especialistas em diferentes áreas reuniram-se para discutir as tendências para o século XXI, suas possibilidades tecnológicas, cibercultura, ciberespaço, inclusive uma expedição para Marte, além de realidade virtual e sistemas da informação. Dali em diante, o século XXI e o avanço das tecnologias computacionais aumentaram de forma exponencial os desenvolvimentos e possibilidades científicas e tecnológicas.

O transhumanismo, portanto, não se reduz à implantação de equipamentos artificiais no corpo, na forma de exoesqueletos ou próteses inteligentes. Não trata unicamente de edição genética para selecionar ou corrigir traços e doenças, ou de lidar com os riscos de edição embrionária,

---

<sup>3</sup> O conceito de governamentalidades, de acordo com Michel Foucault, refere-se ao conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer uma forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população. Essa forma é constituída pela economia política e por instrumentos técnicos essenciais: os dispositivos de segurança (FOUCAULT, 2001).

<sup>4</sup> O termo “singularidade tecnológica” foi cunhado em 1958 pelo matemático Stanislaw Ulam (1909-1984). Em 1993, o escritor de ficção científica estadunidense Vernor Vinge (1944 - ) reavivou esse conceito (inclusive o transhumanismo) em *The Coming Technological Singularity: How to Survive in the Post-Human Era*. Nas palavras de Vinge: “A aceleração do progresso tecnológico tem sido a característica central deste século. [...] estamos à beira de mudanças comparáveis à ascensão da vida humana na Terra. A causa exata dessa mudança é a criação iminente pela tecnologia de entidades com inteligência maior que a humana.” (VINGE, 1993, p.2, tradução livre).

em busca da perfeição, ainda que essas sejam algumas das tendências mais aparentes, como enfatizou o filósofo Michael Sandel, em *The case Against the Perfection* (SANDEL, 2007). O transhumanismo, sua filosofia e suas propostas envolvem uma coleção de diferentes ações combinadas. Alinhadas a uma visão de mundo que considera o corpo humano obsoleto, com “prazo de vencimento”, os limites desse corpo devem ser expandidos não fisicamente (exploração interplanetária), mas mentalmente (capacitação cerebral).

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo demonstrar que o desejo de melhoramento e superação do corpo humano não é fato recente, e que, diferentemente do que se possa imaginar, não pertence ao diletantismo de magnatas, de peças de ficção científica ou teorias da conspiração. O desejo de melhoramento nos dias atuais configura-se como um movimento filosófico estruturado na forma de uma indústria comercial e tecnológica, mas que historicamente foi elaborado por filósofos e cientistas, com início há mais de um século. É nessa perspectiva que se destacam os pensadores russos das décadas prévias à revolução de 1917, cujas propostas de imortalidade, transcendência do corpo e de expansão para além da espacialidade terrestre inspiraram a criação de uma sociedade genuinamente socialista (GROYS, 2018, p. 11).

É oportuno mencionar que esse desejo de melhoramento foi impulsionado pela consolidação do mundo industrial, na qual diversos países – e suas metrópoles –, diante do advento da modernidade, da aceleração e da mudança de hábitos, viram-se transformados por novos aparatos tecnológicos. Nesse sentido, uma profusão de textos utópicos – e distópicos – entrou em circulação, anunciando as possibilidades de melhoramento do corpo e das possíveis consequências de uma sociedade ultratecnológica. Assim, o melhoramento ou não das condições de vida e o desenvolvimento urbano se misturavam com as imposições de um sistema econômico pontuado pela produção fabril que também explorava a força de trabalho (e testava os limites do corpo) de homens, mulheres e crianças, numa escala sem precedentes.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> As preocupações com o impacto da modernidade no futuro foram fruto de reflexão de inúmeros autores e pensadores que tiveram contato com os países afetados pela revolução industrial e não estiveram restritas à Europa ou à Rússia, que é o foco deste artigo. Essa

Na historiografia, poucos são os trabalhos que abordam a historicidade do transhumanismo, sendo um tanto irônica a ideia de o historiador se ocupar da história do futuro. Apesar de ainda escassas as pesquisas no Brasil, destaca-se a pioneira tese de doutorado de Marko Synesio Alves Monteiro, *Os Dilemas do Humano* (MONTEIRO, 2005), e posteriores trabalhos que apresentam o transhumanismo como uma proposta filosófica libertária e laudatória (LEOPOLDO, 2021; SMANIOTTO, 2021). Internacionalmente, desde os anos 2000, proliferam textos que defendem o transhumanismo como um passo inevitável no avanço da ciência (HUGHES, 2004; MORE; VITA-MORE, 2013), demonstrando, de uma forma mais jornalística, suas contradições e riscos (O'CONNELL, 2018), e, academicamente, suas potencialidades e limites (AGAR, 2004, 2014).

Esta análise está inserida no campo da História do Corpo, cuja abordagem observa que o conhecimento sobre o mesmo é infundável, não restrito aos campos da Biologia, ou das Ciências Naturais, mas cuja incidência de modelos e práticas sobre o mesmo devem ser objeto de estudo de historiadores. Nesse sentido, os trabalhos de Denise Bernuzzi Sant'Anna, François Dagonet, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello contribuem para justificar o tratamento teórico-metodológico adotado durante esta pesquisa (COURTINE, 2013; DAGOGNET, 2012; SANT'ANNA, 2001; VIGARELLO, 1999). Sob a mesma perspectiva, vale-se também da abordagem dada ao corpo pelo historiador-filósofo e autor de *Vigiar e Punir*, e a *História da Loucura*, Michel Foucault. Como aponta Courtine, o corpo como objeto histórico não cessa de se transformar, assim como as diversas formas de vê-lo, de incidir sobre ele ou sobre seu imaginário (COURTINE, 2013). Nesse sentido, o cosmismo, a eugenia e o transhumanismo são projetos que não se ocupam simplesmente de criar novas formas de viver, mas, principalmente, de novas formas de lidar com o corpo em suas mais variadas dimensões, positiva ou negativa, pública ou privada, na esfera biológica, física ou subjetiva.

---

ansiedade em observar as consequências e as possibilidades tecnológicas trilhou caminhos também no pensamento latino-americano. No Brasil, Joaquim Nabuco redigiu notas em 1893 refletindo sobre o impacto da eletricidade sobre a possibilidade de “ver melhor as coisas”, bem como sobre o deslocamento da importância da religião no processo educacional. No caso Argentino, Miguél Cané, condenou a aceleração e a velocidade, os motores e a circulação de mercadorias como um *movimento febril*, em 1890 (NARITA, 2019).

Além disso, a perspectiva interdisciplinar que conduz este artigo está alinhada com a proposta de distanciamento de análise do transhumanismo, associando-o a uma série de medidas destinadas a criticamente observar a transformação do corpo no que Jérôme Goffette chamou antropotecnia do indivíduo (GOFFETTE, 2010, 2015; GOFFETTE; JACOBI, 2006), numa abordagem menos edificante, elitista e mais crítica do que a antropotecnia ambígua proposta por Peter Sloterdijk em *Normas para o parque humano* (CASTRO-GÓMEZ, 2012). O trabalho de Goffette apresenta a antropotecnia como uma técnica arriscada e entrelaçada à eugenia, ao contrário do que faz Sloterdijk, que defende a positividade das possibilidades de usos tecnocientíficos para o melhoramento das condições de vida, em especial do biológico.<sup>6</sup> Alison Bashford também aponta os riscos da análise sobre o transhumanismo comprometida pela confusão causada pela falta de entendimento do que é eugenia – suas diferentes práticas e configurações –, assim como das propostas transhumanistas (BASHFORD, 2013). Desdobrar e revelar todas as peças que compõem esse quadro não é tarefa fácil, e, dessa forma, a partição de sua análise pode deixar esse objeto mais inteligível para compor esse quebra-cabeças.

Em linhas gerais, sem dúvida, na genealogia do transhumanismo, estão presentes as influências do mito de Gilgamesh, da lenda de Prometeu, bem como diversas influências da Revolução Científica do Iluminismo europeu. O transhumanismo reconhece sua genealogia em diversas fontes, principalmente de autores iluministas, entre os quais destacam-se Bacon, Locke, Condorcet e Nietzsche (BOSTROM, 2005b). Recuperar exemplos da tradição greco-romana reforça a ênfase dada ao que se considera o berço da cultura ocidental, predominantemente de pele branca e eurocêntrica. Sabe-se, no entanto, que há ainda um repertório inumerável de relatos que representam os anseios existenciais aliados ao desejo de superação, desconsiderados por muitos autores, tais como a cosmologia da África subsaariana, que deve ser lida e entendida fora dos filtros hierárquicos

---

<sup>6</sup> Vale apontar que a análise do trabalho de Sloterdijk está inserida no debate alemão dos anos 2000, conhecido popularmente como a polêmica Sloterdijk-Habermas, a qual não é o foco deste artigo, mas que é essencial para entender que o campo de disputa filosófica em favor ou contra o uso das biotecnologias, no contexto alemão, está impregnado pelo fantasma da eugenia nazista (ARENAS, 2003). Vale lembrar que a perspectiva de Habermas também gera contradições no âmbito bioético, mas não serão abordadas aqui (HABERMAS, 2003).

ocidentais, como propôs Mudimbe<sup>7</sup> (MUDIMBE, 1988), ou das tradições do Oriente Médio, repletas de imagens de ciência e tecnologia.

Os transhumanistas reconhecem também a vasta influência da Revolução Científica e do Iluminismo na sua filosofia. O transhumanista Nick Bostrom se inspirou no *Novuum Organuun*, de Francis Bacon, para dar suporte à ideia de que há um desejo expresso em conhecer e transformar, através da ciência, o mundo natural, sendo necessário “alcançar o domínio sobre a natureza, a fim de melhorar a condição de vida dos seres humanos” (BOSTROM, 2005, p. 2). Bostrom é diretor do *Future of Humanity Institute*, em Oxford. Ele afirma que o transhumanismo “tem suas raízes no humanismo racional” e que, nos séculos XVIII e XIX, nós tivemos uma amostra da ideia de que os homens podem ser desenvolvidos através da ciência (BOSTROM, 2005b, p. 3, tradução livre). No entanto, a intenção é demonstrar que há influências que estão além daquelas explicitamente escolhidas para compor a história do transhumanismo. Nesse sentido, a incompreensão do tempo presente, como sugeriu Simón, relaciona-se à “falta de entendimento do mundo que nós criamos” (ibidem, p. 13) e é dada pela sobreposição de múltiplas temporalidades e processos acontecendo simultaneamente, apresentando um desafio para profissionais de diferentes áreas, inclusive da história. Nesse sentido, para entender o presente, os conceitos, significados e modos de entendimento criados pelas ciências não são suficientes. Zoltán Boldizsár Simon propõe que, para compreendê-lo, é preciso mudar a forma como tratamos as transformações do presente, impostas por projetos como, por exemplo, o transhumanista. E sugere “defender uma história que, cremos, pode abarcar as mudanças amplas; uma noção de história que é multiespécie, multi-escalar e não contínua”, ainda que seja desafiador (SIMON; NARITA, 2020, p. 16, tradução livre).

Portanto, para contribuir com um esboço inicial de uma emergente história do transhumanismo, será necessário abordar os textos de autores cosmistas, para demonstrar de que maneira seus escritos irradiaram de forma transnacional, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Essa abordagem perpassa os escritos de geneticistas das primeiras décadas

---

<sup>7</sup> Mudimbe propõe uma nova filosofia, o Africanismo, ou, em suas palavras, uma “gnose Africana”, a partir da destruição dos mitos da existência de uma África pré-europeia, de uma África sem sociedade e de uma “África dourada” do pré-colonialismo (MUDIMBE, 1988).

do século XX, vigorosamente envolvidos com o movimento eugenista, mas também com o socialismo. Esses autores deram vazão a um projeto eugênico mais sutil, de eugenia positiva,<sup>8</sup> muito diferente no método (mas não na finalidade) do que o da eugenia negativa, essa última frequentemente associada ao nazismo, da qual eram duros críticos. Entre algumas de suas proposições, era necessário investir na reprodução das populações consideradas “mais aptas” e na restrição das “menos aptas”; tratava-se de um imperativo implementar uma seleção humana para o melhoramento da espécie; criar meios para a reprodução fora do ventre; medidas para atender os interesses de grupos políticos e econômicos em posições de poder, e, em geral, padrões biológicos brancos eram considerados cientificamente aceitáveis e superiores. Tais métodos de eugenia positiva foram também excludentes e atravessaram a segunda metade do século XX, sem o uso do termo “eugenia”, demonizado após 1945 pela sociedade. Os desdobramentos da construção dessa narrativa que associou a eugenia exclusivamente às práticas nazistas abriram o caminho para que a proposta transhumana se ramificasse, e sua historicidade remonta ao uso do termo, pela primeira vez em 1957, pelo biólogo evolucionário, eugenista e primeiro diretor da Unesco, Julian Huxley (1887-1975).

Além de Huxley, seus dois colegas geneticistas J. B. Haldane (1892-1964) e Hermann J. Muller (1890-1967), reconhecidamente simpatizantes das propostas socialistas da esquerda da época, compartilharam dos mesmos ideais e foram fortemente influenciados pelo pensamento eugenista da época. Nesse contexto, é possível demonstrar, pelo trabalho exaustivo de Diane Paul (1998), que pensadores de diversas áreas estiveram atrelados ao movimento eugenista. Desmistifica, assim, a imagem de que a eugenia é uma particularidade de movimentos conservadores e de direita. Como afirma Paul (1998, p. 13-14, tradução livre), “marxistas e fabianos”<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Entendem-se como eugenia positiva os métodos aplicados para aumentar os caracteres considerados favoráveis na sociedade, como, por exemplo, o exame pré-nupcial ou a inseminação artificial de mulheres com o esperma de ganhadores do Prêmio Nobel. A eugenia negativa tem como finalidade eliminar quaisquer caracteres considerados desfavoráveis para a composição da biologia da sociedade, como a restrição da reprodução através da esterilização, do encarceramento ou da institucionalização hospitalar. (LEVINE, 2017).

<sup>9</sup> Os fabianos eram os membros da Fabian Society, organização socialista britânica formada em 1884. Por definição, rejeitavam a análise de mais-valia de Marx associada à teoria de

proeminentes e com interesses científicos advogaram de maneira entusiástica formas diferentes de eugenia positiva e negativa”, dentre os quais destacam-se, além dos já citados, Bernard Shaw, H. G. Wells e Joseph Needham. A autora ainda alerta sobre a tímida atenção que se dá ao suporte da esquerda à eugenia – ou o que chama de *Bolshevik Eugenics* –, da mesma forma como ao movimento feminista, que também namorou a eugenia (idem). Um cuidado importante a se tomar é ter como premissa que havia elogios e críticas a diversos espectros políticos e metodologias propostas por eugenistas em diferentes territorialidades. Devem-se evitar, a todo o custo, generalizações ou o uso de conceitos que limitem ou engessem análises. É essencial ter como premissa que a eugenia foi um movimento transnacional múltiplo e de caráter camaleônico, adaptável de acordo com as peculiaridades e demandas locais para o ajustamento dos grupos considerados “inaptos”, “inferiores” ou “não conforme” (TURDA, 2022).

Explicitar essas conexões e complexidades contribui para reconsiderar a errônea visão de que a eugenia era uma pseudociência, mas, ao contrário, tratava-se de um movimento científico de extrema popularidade, legitimado por diversos setores sociais. Era complexo e significativo tanto para as ciências como para a consolidação de ideias e práticas racistas – além do capacitismo,<sup>10</sup> da misoginia<sup>11</sup> e da intolerância ao diferente –, e merece ser desafiado historicamente, como defendeu Diane Paul já no final do século XX (PAUL, 1998).

## **Cosmismo: vencendo o corpo obsoleto**

A vida eterna é uma tortura indestrutível. Tudo nesta vida é repetido; essa é uma lei cruel da natureza. Mundos inteiros são criados a partir

---

exploração capitalista. Ainda que houvesse divergências teóricas entre ambos, marxistas e fabianos possuíam visões de classe e biologia semelhantes, e criticavam certos tipos de eugenia. Como apontou Diane Paul, tinham a intenção de “desenvolver uma eugenia socialmente responsável” (PAUL, 1998, p. 16, tradução livre).

<sup>10</sup> A categoria “capacitismo” se materializa através de atitudes preconceituosas que hierarquizam sujeitos de acordo com a adequação de seus corpos a um ideal de beleza, simetria e capacidade funcional. Baseados no capacitismo, pessoas com deficiências são discriminadas (MELLO, 2014).

<sup>11</sup> A palavra misoginia vem do grego *miseó* (ódio) e *gyné* (mulher). Um tipo de sexismo que inferioriza as mulheres e despreza com violência quaisquer manifestações do feminino. A misoginia se expressa através de práticas agressivas e violentas que colocam a mulher em posição de submissão e inferioridade e frequentemente ignoradas pelas normativas criadas por uma sociedade Ocidental em quem homens brancos ocupam as principais posições de poder, perpetuando ou mesmo incentivando práticas misóginas (CARNEIRO, 2019).

da matéria, inflamam-se, desbotam-se, colidem com os outros, são pulverizados em pó e depois são formados de novo. E assim continua, assim sem fim. Nossos pensamentos, sentimentos, desejos, ações, todos se repetem, até a própria ideia de que 'tudo se repete' volta à minha mente pela milésima vez. Isso é intolerável! (BOGDANOV, 2018a, pp. 223-224, tradução livre).

A crônica *Immortality Day*<sup>12</sup> (1912), do russo Alexander Bogdanov (1873-1928), é um escrito importante para o movimento cosmista russo. No texto, durante as celebrações do milênio da descoberta da imortalidade, Fride, o químico inventor da fórmula da imunidade e rejuvenescimento dos tecidos corporais, dá-se conta de que a vida eterna nada mais é do que pura repetição, após viver um milênio e aprender tudo o que queria, nos âmbitos da escultura, literatura, música, pintura e astronomia, bem como os mecanismos da história e da filosofia. Durante seu milênio de imortalidade, Fride acompanhou o processo de exploração espacial, visitou Marte três vezes e casou-se com noventa e duas mulheres. No planeta Terra, apesar da intensa liberdade e das potencialidades individuais, havia-se mantido uma única regra, mediada pelo Estado: o controle do número de nascimentos, para evitar a superpopulação. Mulheres eram autorizadas a ter trinta filhos durante a vida. Qualquer número acima disso significaria o banimento desse filho a um planeta qualquer, após o seu confinamento durante quinhentos anos em naves hermeticamente fechadas (BOGDANOV, 2018a).

O texto de Bogdanov é uma significativa demonstração do auge do pensamento cosmista das primeiras décadas do século XX, inspirado pelas possibilidades de uma nova sociedade. Uma sociedade que poderia transcender os limites da vida e vencer o envelhecimento. Em *Tektology of the Struggle against Old Age*, o mesmo autor faz uma defesa da abordagem sobre o envelhecimento como doença, sem o uso de métodos paliativos, mas que ataquem a causa primeira, a decadência vital. Propõe métodos de rejuvenescimento que vão desde a vasectomia – por crer que a produção de sêmen em si pode “gastar” vitalidade – ao transplante de testículos. No entanto, como a lógica não funciona simetricamente para mulheres,

---

<sup>12</sup> Todos os títulos de textos cosmistas utilizados neste artigo foram traduzidos do original em russo para o inglês e publicados em Boris Groys. Aqui, foram mantidos na forma traduzida livremente ao português, portanto, infelizmente, não são nomes e citações no idioma original (GROYS, 2018).

Bogdanov procede com experimentações com transfusão de sangue de jovens para indivíduos velhos, com a hipótese de rejuvenescimento, e conclui que seus resultados são somente “impressões” de uma riqueza de materiais a serem explorados (BOGDANOV, 2018b).

Como médico, a especialidade de Bogdanov era a transfusão de sangue, e seu legado foi ter estabelecido um dos primeiros bancos de transfusão de sangue do mundo. Conta-se que Bogdanov morreu recebendo uma transfusão de sangue contaminado por malária de um de seus alunos, como parte de sua pesquisa de rejuvenescimento e superação da morte (HUESTIS, 1996). O próprio Bogdanov fez alusão à eficiência de seu método usando a novela *Drácula* (1897) de Bram Stoker, referenciando a sociedade dos vampiros, uma sociedade de corpos imortais que se alimentam de sangue (GROYS, 2018).

O cosmismo pode ser datado entre o final do século XIX e meados da década de 1930, logo após a ascensão de Stálin. A ideia de que a humanidade deveria vencer os limites da morte e se aperfeiçoar a partir do uso da tecnologia foi elaborada na Rússia por Nikolai Fedorov (1829-1903). Fedorov era um cristão ortodoxo, filósofo e intelectual que viveu de maneira simples, apesar de transitar entre a *intelligentsia* de Moscou. Ele deixou escrita a obra *The Philosophy of the Common Task* (1906), publicada postumamente por um amigo e que consistia em apresentar a biologia como a “arte da ressurreição”. Nela, a tarefa comum da humanidade seria vencer a morte, aportando aos museus – depositários de todo o conhecimento do mundo – o lugar de memória de todos os habitantes do passado, ressuscitados pela nova tecnologia a ser descoberta.

Através da ressurreição das gerações falecidas, a biologia pode ter alguma esperança de se estabelecer – isto é, de trazer sob a governança esclarecida – todos os mundos. Dessa maneira, ao garantir que a vida seja instalada em todos os mundos, esse universo será transformado em biológico (FEDOROV, 2018, p. 55, tradução livre).

A biologia, de acordo com Fedorov, tem uma função central nesse processo de “elevação da humanidade” a um patamar superior. A disciplina de estudos biológicos, para Fedorov, deve se dedicar ao conhecimento da

estrutura dos corpos e das vidas dos seres vivos e a encontrar sua aplicação na recriação de corpos destruídos. Caso contrário, a Biologia se tornará uma mera ciência de como uma vida morre pouco a pouco (FEDOROV, 2018). A abordagem de Fedorov concebia a morte como algo não natural, um “erro” no desenho do humano. O fim da vida deveria ser superado pela ciência e pela tecnologia, da mesma forma que a medicina cura e acaba com as doenças.

Fedorov é considerado um biocosmista, pois defendeu a imortalidade, através do avanço tecnocientífico, para todos e com liberdade sem limites para viajar no espaço universal. Seu contemporâneo, Konstantin Tsiolkovsky (1857-1935), foi o fundador do programa espacial soviético e pode ser considerado, juntamente com Fedorov, um dos principais proponentes do cosmismo russo. Inspirado por Fedorov, Tsiolkovsky se empenhou em desenvolver aeronaves, foguetes e naves espaciais. Como forma de popularização de suas invenções e ideias, ele escreveu diversas obras de ficção. Em *The Future of Earth and Mankind*, Tsiolkovsky diz que há mais de um bilhão de planetas no universo e que muitos deles são habitáveis (TSIOLKOVSKY, 2018). Num tempo em que os dirigíveis acabavam de ser superados pelos aviões, para Tsiolkovsky, habitar outros planetas era inevitável e necessário, principalmente porque considerava a Terra um deserto. Toda a narrativa projeta a possibilidade de uso da terra com finalidade produtiva e a sua relação métrica com cada indivíduo a longo prazo. O plano de habitar outros planetas é perpassado pela proposta de sobrevivência dos mais aptos e pelo projeto de melhoramento da população. Aqueles com “deficiências” estariam confinados à existência na Terra. Ele relata:

Quando os limites de reprodução (um por pessoa) forem atingidos na Terra, a população ainda será bastante imperfeita. [...] A reprodução continuaria com a mesma intensidade, mas muitos seriam deixados sem filhos, ou seja, pessoas com várias deficiências. No entanto, o crescimento populacional ultrapassaria a mortalidade, e o excedente da maior parte da população viajaria além da atmosfera e preencheria o sistema solar. Por que devemos nos preocupar com uma população tão grande? O fato é que quanto maior a população, mais perfeitos são seus membros e mais avançado é seu sistema social [...]. (TSIOLKOVSKY, 2018, p. 130, tradução livre).

Se os cosmistas alicerçaram suas bases nos princípios da extensão da vida através da tecnociência e da viagem espacial para transcender fronteiras da vida e do espírito, isso significava a extensão do biopoder, como elaborado por Michel Foucault, a uma escala sem precedentes (FOUCAULT, 1999).

De acordo Boris Groys, editor que reuniu de forma inédita os textos cosmistas num livro produzido pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e aqui utilizados, para os cosmistas, o Estado deveria garantir a todos os viventes a superação dos limites da morte (GROYS, 2018). Nesse projeto, habitar os territórios fora do planeta Terra era condição diretamente ligada à conquista da imortalidade, pois, com mais pessoas vivas, mais espaço para viver seria necessário e, nesse contexto, não somente o espaço, mas também o tempo deveria ser coletivizado. Segundo Groys, o cosmismo pretendia purificar o “idealismo”, “substituindo a imortalidade da alma garantida por Deus com a imortalidade do corpo garantida pelo Estado – dessa forma, fazendo emergir uma transição a uma nova Era, e um novo biopoder total” (ibidem, p. 11, tradução livre).

Na proposta desse biopoder total, os biocosmistas-imortalistas – partido político originário do movimento anarquista russo – publicaram, em 1922, um manifesto que dizia:

Consideramos os direitos essenciais e reais do homem o direito de existir (imortalidade, ressurreição, rejuvenescimento) e a liberdade de circular no espaço cósmico (e não os supostos direitos anunciados quando a revolução burguesa foi declarada em 1789) (KREATORII ROSSIISKIKH apud GROYS, 2018, p. 9, tradução livre).

É fascinante constatar o radicalismo das ideias desses biocosmistas-imortalistas, descritos por Groys como pensadores russos de viés anarquista, que se transformaram em partido nos anos pós-revolução. Eles elaboraram propostas que desafiavam os limites do corpo, da vida e da morte, com aquele não limitado ao planeta Terra, e questionavam a proposta burguesa da Revolução Francesa. O partido inspirou também artistas, compositores, autores e arquitetos. A maioria deles ficou do lado de Leon Trotsky durante

seu confronto com Stalin,<sup>13</sup> e, por essa razão, o cosmismo caiu em descrédito e sua influência desvaneceu ao longo dos anos de 1930 (GROYS, 2018).

No entanto, simultaneamente, o programa espacial russo seguiu em emergência, mas agora sob viés militar, com intenção geopolítica e belicista. Ser cosmista durante o regime soviético tornou-se arriscado. Em linhas gerais, a diferença entre o projeto marxista e o cosmista era que o primeiro buscava “o paraíso na Terra” através da luta revolucionária, e o trabalho criativo de união entre a humanidade e a natureza, sendo a morte inevitável. Os cosmistas russos tinham a esperança de que a tecnologia se transformaria numa força messiânica potente que poderia preencher as expectativas transmitidas de uma geração à outra (GROYS, 2018). Já o segundo projeto acreditava que a aceitação da morte como um fato natural era uma contradição interna do movimento socialista, pois o uso e aproveitamento da justiça socialista só existiriam com a aceitação do princípio injusto de exclusão dos que já morreram, na exploração da morte em favor dos vivos e assim sucessivamente, para as futuras gerações. Da mesma forma, o momento da morte (ou o tempo de vida), numa sociedade não cosmista, é diferente; as pessoas morrem por diferentes razões em tempos distintos. Para que haja uma justiça da vida, esse biopoder total, na forma do Estado, deve criar todas as condições para que a morte seja superada, e, dessa forma, também compartilhada por todos. Evidentemente, esse formato subjugado ao poder do Estado de controlar a vida e a morte não tem nada de democrático. Como ressaltam Anton Vidoke e Brian Kuan Wood no prefácio de *Russian Cosmism*, a literatura aponta que, mesmo os Estados Unidos historicamente tendo investido mais recursos financeiros e sendo mais avançados tecnologicamente na corrida espacial, seu programa ainda segue pobre e limitado por um desejo de controle territorial imperialista, esvaziado de qualquer referência ou projeto cultural (idem).

### **A chegada do cosmismo no Ocidente**

A obra cosmista irá irradiar em trabalhos de pesquisadores fora da Rússia, como, por exemplo, nas obras de J. B. S. Haldane, Hermann Muller e

---

<sup>13</sup> A divergência entre Trotsky e Stalin é complexa e não cabe nesse artigo, mas ela atravessa esse tema como será visto adiante no caso de Nikolai Vavilov (CARLSON, 2011).

Julian Huxley. Os três amigos, unidos pela profissão e pesquisa em biologia, por décadas colaboraram para formar o texto que se tornaria um consenso na genética supostamente “pós-eugenista”, no período após o final da Segunda Guerra Mundial. O *Genticist Manifesto* (1939) foi o texto de influência escrito como uma plataforma básica para discutir os caminhos para o melhoramento genético humano, com ênfase no controle populacional global. Huxley, Haldane e Muller foram alguns dos signatários, reunidos durante o Sétimo Congresso de Genética em Edimburgo. Nele, são listados os desafios a serem encarados pela sociedade da época para alcançar, de maneira sólida, o objetivo proposto de responder a como melhorar a população mundial (BASHFORD, 2016).

A resposta passava pelo argumento do controle populacional e de ações de natureza político-econômica de viés malthusiano. Na prática, tratava-se de um ideário de controle de fertilidade, esterilização temporária ou permanente, contracepção, inseminação artificial e aborto. Tudo isso sempre “voluntário”, como parte dessa proposta de eugenia pós-guerra. A historiadora Alison Bashford questionou o fato de haver um foco da historiografia debatendo se os signatários eram eugenistas ou não, mas colocando em perspectiva que o texto tinha sido escrito às vésperas da Segunda Guerra, como uma forma intencional de distanciar a pesquisa biológica e de raça das teorias nazistas. Ela afirma também que a perspectiva eugênica está presente, mas que o manifesto “deveria ser reintitulado ‘Manifesto Malthusiano’” (BASHFORD, 2016, p. 256), dado o peso desse princípio no texto de 1939, e reitera: “a resposta de como a população mundial pode ser melhorada é controle de natalidade” (ibidem, p. 263).

Na visão desses três autores, ainda que houvesse discordâncias sobre o papel desempenhado pela hereditariedade em diferentes grupos, nenhum deles negou, em suas trajetórias, a necessidade do uso da eugenia positiva, apontando a importância dessa prática para o desenvolvimento da sociedade. Chegaram a fazer críticas ao modo como ela foi “pervertida” pelo capitalismo ou pelo nazismo, mas nenhum rechaçou a eugenia como método viável de aperfeiçoamento da sociedade. Era mais uma disputa sobre objetivos e métodos de programas eugênicos do que de antagonismos e dicotomias (PAUL, 1998).

Essa é parte da história do desejo de melhoramento da população através do uso de tecnologias sobre o corpo, e do elo entre cosmistas, eugenistas e transhumanistas, numa tentativa de reconciliar esses autores com seus passados, sejam eles cosmistas, eugenistas, socialistas, liberais ou o entrelaçamento de todas essas vertentes, em uma relação imbricada e complexa.

O fato é que J. B. Haldane (1892-1964) deu uma palestra “lida para os hereges em Cambridge” (HALDANE, 1923, página de rosto), que foi publicada em livro com o título *Daedalus, or Science and the Future*<sup>14</sup> (1923). Nessa obra, anunciou a pessoa do inventor como um Prometeu mitológico, cuja obra (as tecnologias) constitui uma ofensa aos deuses (metaforicamente, o conservadorismo e a religião). Além disso, afirmou que as possibilidades criadas pelo avanço da Biologia certamente encontrarão resistências morais, mas que essas devem ser vencidas. Recorreu, então, à outra figura mitológica, Dédalus, o arquiteto perspicaz que emprisionou o minotauro e encontrou a solução das asas para escapar da alta torre à qual fora condenado com seu filho Ícaro (HALDANE, 1923).

Haldane descreve algumas das propostas que podem ser perseguidas, dentre as quais a ectogênese, que consiste na gestação de bebês fora do ventre – como também proposto por Fedorov e Tsiolkovsky –, mediada pelas regras de seleção genética tanto do homem como da mulher. “Se a reprodução for completamente separada do sexo amoroso, a humanidade estará livre em um sentido completamente novo” (ibidem, p. 68, tradução livre).

No mesmo texto, Haldane defende a expansão da vida e afirma que “a abolição da doença fará a morte um evento fisiológico como dormir” (ibidem, p. 73, tradução livre). Todavia, destaca principalmente o papel da área biológica como determinante para esse futuro tecnologizado, enfatizando que a revolução da vida humana pela ciência deve ser perseguida:

---

<sup>14</sup> As referências feitas por J. B. S. Haldane nesse texto merece uma análise adicional, cuja relevância adensaria quaisquer trabalhos que tratem da relação entre ciência e capitalismo. Nossa análise se concentrou nas menções do autor ao progresso do corpo pela Biologia e às prováveis tecnologias (HALDANE, 1923).

[...] Não digo que os biólogos, como regra geral, tentem imaginar em detalhes as futuras aplicações de sua ciência. [...] Eles não se vêem como figuras sinistras e revolucionárias. Eles não têm tempo para sonhar. Mas suspeito que mais deles sonham do que gostariam de confessar.

Eu dei previamente uma amostra muito pequena dos meus sonhos. Talvez eles sejam pesadelos. É claro que é quase inútil tentar profecias muito exatas sobre como o conhecimento científico vai revolucionar a vida humana em detalhes, mas acredito que continuará a fazê-lo, e ainda mais profundamente do que sugeri [...] (ibidem, p. 79, tradução livre).

Um ano após lançado, o *Daedalus* de Haldane foi duramente contestado pelo filósofo Bertrand Russell<sup>15</sup> (1872-1970) em *Icarus, or The Future of Science* (1924). Russell é explícito ao demonstrar os riscos do desenvolvimento desenfreado da ciência e da tecnologia:

O *Daedalus* do senhor Haldane apresentou uma imagem atraente do futuro, por meio do uso de descobertas científicas para promover a felicidade humana. [...] Sou obrigado a temer que a ciência seja usada para promover o poder dos grupos dominantes, em vez de fazer os homens felizes. Ícaro, tendo sido ensinado a voar por seu pai Dédalo, foi destruído por sua imprudência. Temo que o mesmo destino possa ultrapassar as populações que os homens modernos da ciência ensinaram a voar. [...] (RUSSELL, 1924, p. 5-6, tradução livre).

Russel acreditava que a ciência havia afetado a humanidade de duas maneiras: alterando as paixões por sua busca pelo poder e dando-lhe a capacidade de imaginar diferentes concepções do mundo, sendo a última delas a mais edificante e positiva. Em relação à eugenia, Russell tinha opinião formada. Apesar de acreditar na necessidade do controle populacional (pela via malthusiana), fez críticas ao risco do uso indiscriminado da esterilização para controlar a qualidade da população, mas destacou a sua positividade no estímulo de casamentos eugênicos. Não se opunha à sua finalidade, se usada com precaução. Em suas palavras:

A eugenia tem, é claro, possibilidades mais ambiciosas em um futuro mais distante. Pode ter como objetivo não apenas eliminar tipos indesejados, mas aumentar os tipos desejados. [...] Se a eugenia alcançou um ponto onde pode aumentar os tipos desejados, não serão os tipos desejados pelos eugenistas do tempo presente, mas os

---

<sup>15</sup> Bertrand Russel foi incluído neste artigo para ilustrar o antagonismo e sua reação ao texto de Haldane, não sendo trabalhado em profundidade (RUSSELL, 1924).

tipos desejados por oficiais médios [governantes, figuras religiosas etc.]. (RUSSELL, 1924, p. 50-51, tradução livre).

Na opinião de Russell, o risco que os eugenistas enfrentavam era a falta de controle sobre as consequências das ações tomadas no presente. E, com uma reflexão afiada, indica o propósito de uma eugenia positiva implantada, tendo em vista melhorar a população, o que, para os anos 1920, ia de encontro ao senso comum, favorável ou disposto a aceitar medidas compulsórias de eugenia negativa:

Se soubéssemos o suficiente sobre hereditariedade para determinar, dentro de limites, que tipo de população teríamos, o assunto estaria obviamente nas mãos de funcionários do Estado, presumivelmente médicos idosos. Se eles realmente seriam preferíveis à natureza, não tenho certeza. Suspeito que eles criariam uma população subserviente, conveniente para os governantes, mas incapaz de iniciativa. (RUSSELL, 1924, p. 51, tradução livre).

Parece que Russell já previa a consequência do extremismo dos estudos da hereditariedade aplicado à eugenia e que culminaria no nazismo. No entanto, Russell desacreditava do potencial da ciência como força transformadora da sociedade e questionava as consequências do uso indevido da mesma por governos gananciosos. Sua crítica demonstra que, ao contrário do que se afirma com frequência, a eugenia não é resultado de seu tempo ou um pensamento único, o que muitas vezes acaba por minimizar a participação de apoiadores da eugenia negativa. Havia vozes críticas, como as de Russell, mas talvez não fortes o suficiente para dissolver a corrente predominante de apoiadores da eugenia, nos anos 1920, por conta da ascensão dos discursos nacionalistas que passavam necessariamente pela implementação de políticas públicas com base na legitimação das ciências em voga, como a epidemiologia, a higiene e a saúde pública, de maneira geral, além dos estudos de estatística populacional, controle de nascimentos e imigração.

O segundo autor tratado aqui e que recebeu influência cosmista é de grande importância para entender as origens do pensamento transhumanista, mas, principalmente, para entender o desenvolvimento da eugenia socialista (PAUL, 1998). Trata-se do estadunidense Herman J.

Muller,<sup>16</sup> ganhador do Nobel de Medicina e Fisiologia (1946) e, entre outras coisas, autor de *Out of the Night: A Biologist's View of Progress* (1935). Esse pequeno livro é, na verdade, um manifesto finalizado em 1925, mas publicado na Inglaterra dez anos depois, para ser distribuído no *Left Book Club*. De acordo com o prefácio, Muller descreve que poucas alterações foram feitas entre 1910 e 1935, considerando que suas ideias estavam mais consolidadas e poucas adições foram necessárias, o que justificaria sua intencionalidade em tardar a publicação (MULLER, 1935). A edição de 1935 é inglesa, mas é sabido que houve uma edição do mesmo texto em russo, cujos exemplares, acompanhados de uma carta de trinta páginas, foram dados pessoalmente a Stalin, quando Muller era, então, pesquisador convidado no Instituto de Genética de Moscou, sob a direção do geneticista Nikolai Vavilov (1887-1943) (CARLSON, 2011; GARCÍA-REYES; GALLARDO, 2022).

Pouco depois de ler a carta de Muller, o líder soviético aconselhou a imediata partida do geneticista do país, cuja proposição foi implementar um método de seleção de nascimentos por meio de inseminação das mulheres russas (dentro ou fora do casamento) com o esperma de “alguns transcendentalmente inestimáveis homens” (PAUL, 1998, p. 19). A proposta de Muller se aproximava do estado inicial da ectogênese de Haldane. Em suma, para Stalin, o problema com a perspectiva de Muller não era o uso da eugenia positiva em si, mas a discordância essencial do autor com a teoria de Trofim D. Lysenko (1898-1976),<sup>17</sup> sobre a qual Muller se pronunciou por diversas vezes publicamente, acusando-o de charlatanismo (CARLSON, 2011).

Lysenko acreditava que a expressão genética não era resultado da hereditariedade transmitida pelo germoplasma, senão da interação do indivíduo com o meio ambiente e, nesse sentido, a revolução proletária era o

---

<sup>16</sup> Hermann Muller cultivou uma forte conexão com o pensamento socialista, bolchevista e comunista. Muller ajudou a editar o jornal *The Spark* (em homenagem a Lenin *Iskra*) e, em 1932, saiu dos Estados Unidos após um casamento em crise, em consequência da demissão de sua esposa do Departamento de Matemática na Universidade do Texas, após ela engravidar. Fez ainda uma breve passagem pela Alemanha, seguida da União Soviética, em 1932 (CARLSON, 2011).

<sup>17</sup> Lysenko foi um fisiologista de plantas ucraniano que promoveu a crença de que as plantas poderiam “destruir a hereditariedade e de que poderiam ser retreinadas em ambientes apropriados, para assimilar uma nova hereditariedade alinhada com o treinamento recebido. Ele usou um processo chamado “vernalização”, usando água gelada para chocar a hereditariedade do trigo de inverno e convertê-lo em trigo de primavera. Ele chamou isso de michurinismo (para homenagear Luther Burbank, da Rússia), mas, no Ocidente, foi chamado de lysenkoismo e equiparado a um lamarckismo desacreditado (Idem).

meio mais eficaz de melhoramento da população, através da consciência de classe e da luta para a sua eliminação (GARCIA, 2016). Muller conseguiu escapar da perseguição de Stalin, encontrando meios através de suas conexões com Vavilov para sair da Rússia e servir nas Brigadas Internacionais em Madrid, durante a Guerra Civil Espanhola (idem). No mesmo ano, Vavilov foi substituído na presidência da Academia de Ciências, e a perseguição a geneticistas mendelianos se intensificou, culminando no cancelamento e transferência do Sétimo Congresso Internacional de Genética de Moscou para Edimburgo, Escócia, em 1939. Preso e levado para um campo em 1940, morreu doente e com desnutrição, confinado numa solitária em 1943 (JANICK, 2015).

Muller, sabendo dos desafios, propôs, no seu manifesto utópico-eugênico, um plano de ação para construir uma sociedade ideal, em que não era preciso esterilizar os “inaptos” para melhorar o estoque populacional – numa crítica direta à eugenia negativa –, mas, ao contrário, estimular a reprodução dos mais “aptos” através de inseminação artificial de mulheres capazes de se reproduzir. Seu texto é contraditório ao defender o fim das dores do parto e, ao mesmo tempo, defender a gravidez como profissão, quando afirma: “Que admirável sistema eugênico é esse, precisamente calculado para inspirar mulheres do mais alto tipo de inteligência a ingressar na carreira da maternidade!” (MULLER, 1935, p. 132, tradução livre). Na superação da gravidez pela tecnologia, propõe que essa reprodução seja idealmente feita fora do útero materno,<sup>18</sup> ou seja, fora do corpo. Justifica:

Ao controlar de outra maneira o desenvolvimento, a germinação, o tamanho e etc. do embrião, a duração e outras condições da gravidez e do parto, mudanças consideráveis podem ser realizadas nos métodos e costumes relacionados à produção dos filhos - mudanças que permitem um grau muito maior de controle da nossa escolha dessas crianças, mesmo antes de atingirmos a condição ideal de ectogênese completa, ou desenvolvimento do óvulo totalmente externo ao corpo da mãe, retratado no Dedalus de Haldane (MULLER, 1936, p. 137, tradução livre).

---

<sup>18</sup> Vale lembrar que o escritor brasileiro Berilo Neves (1901-1974) publicou o livro *A Costela de Adão* (1929), cujo conto “O Homem Sintético” narra a invenção de uma incubadeira artificial que tornaria a existência das mulheres “inútil” e seu desaparecimento da face da terra inevitável (NEVES, 1946).

Elon Carlson, biógrafo autorizado de Muller, escreveu generosamente a história da vida do Nobel de Medicina, mas não deixou de esclarecer que: “não que Muller se opusesse à eugenia como um todo. Ele a defendeu para aqueles traços que promovessem indivíduos mais inteligentes, mais saudáveis, mais longevos, com um senso de liderança e consciência social” (CARLSON, 2011, p. 4). A sugestão de Carlson de que existe a possibilidade de uma eugenia com consciência social é no mínimo perturbadora, sabendo que o investimento em indivíduos “mais” em geral é acompanhado de medidas de exclusão daqueles considerados “menos”.

### **Julian Huxley, personagem-chave para entender o transhumanismo**

Julian Sorell Huxley (1887-1975) era neto de Thomas Huxley (1825-1895), defensor de Charles Darwin, filho do editor Leonard (1860-1933) e irmão do escritor Aldous (1894-1963). Uma família envolvida com a intelectualidade britânica, em círculos influentes desde H. G. Wells (1866-1946) e J. B. S. Haldane. Huxley foi conhecido como liberal e até anticomunista. Trabalhou com Muller na Rice University e dedicou boa parte de sua vida à divulgação científica (BASHFORD, 2013). Foi o primeiro diretor e fundador da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO), fundador da *World Wildlife Foundation* (WWF) e diretor da *British Eugenics Society* (1959-1962), entre outros.

O contexto de criação do termo transhumanismo é de extrema importância para entender seus posteriores desdobramentos. Huxley foi responsável por criá-lo, e seguiu defendendo diversas medidas eugênicas no período pré e pós-1945. O historiador da eugenia Paul Weindling avaliou a trajetória de Huxley, considerando que:

O “humanismo evolutivo” [de Huxley] representou uma continuidade do compromisso eugênico desde os anos de fundação do movimento eugênico. A única mudança significativa foi retirar a “raça” dessa agenda como resultado do engajamento antirracista e antinazista de Huxley na década de 1930. Seus usos habilidosos posteriores do termo “humanismo evolutivo” significaram que ele sustentou a imagem da eugenia como “humana” ao vinculá-la à revolução dos direitos humanos pós-Segunda Guerra Mundial (WEINDLING, 2012, p. 2, tradução livre).

Durante o ano de 1957, enquanto o satélite soviético *Sputnik* orbitava em torno do planeta, retomando parte do legado simbólico promovido pelos cosmistas no início do século, Julian Huxley fazia seu balanço do lugar que a ciência ocupava e das possibilidades advindas de tais avanços. O livro *New Bottles for New Wine* (1957) é uma coletânea de pequenos textos publicados em revistas de divulgação científica, reunidos com o propósito de demonstrar as tendências e visão de mundo para o futuro:

A partir desses fragmentos de novos conhecimentos, novas realizações e novos entendimentos, o homem é capaz de formar uma nova imagem de si mesmo, de seu lugar na natureza, de suas relações com o resto do universo, de seu papel no processo cósmico universal – em outras palavras, seu destino; e nisso, por sua vez, construir novas e mais adequadas crenças. [...] Sou o primeiro a reconhecer as lacunas e inadequações que elas representam, mas ainda sinto alguma certeza de que meus esforços me levaram na direção certa e indiquei alguns padrões úteis de pensamento e crença (HUXLEY, 1957, p. 2, tradução livre).

Ainda que reconheça que possam haver lacunas e imperfeições em suas propostas, o primeiro texto que segue o prefácio é *Transhumanism*. Um texto em que o autor intenta prever os possíveis desdobramentos de uma postura individual ativa sobre a evolução humana, convocando, além de pessoas do Estado, diversos especialistas – psicólogos, biólogos e outros cientistas, como arqueólogos, antropólogos e historiadores – para pensar suas responsabilidades sobre essa tarefa. O “negócio da evolução” deveria ser assumido o quanto antes, e esse trabalho era parte do “destino inescapável” de todos, mais cedo ou mais tarde, para que fosse possível a “realização completa das capacidades do homem, seja pelo indivíduo, pela comunidade, ou pela espécie, nesta aventura pelo corredor do tempo” (HUXLEY, 1957, p. 13, tradução livre) . Julian apresenta um mundo futuro em que possibilidades ainda estão por ser descobertas e realizadas pela espécie humana:

É como se o homem fosse subitamente nomeado diretor administrativo do maior negócio de todos, o negócio da evolução – nomeado sem ser perguntado se ele o desejava e sem aviso ou preparação adequada. Além do mais, ele não pode recusar o trabalho. Quer ele queira ou não, se ele está consciente do que está fazendo ou não, ele está, de fato, determinando a direção futura da evolução

nesta Terra. Esse é o seu destino inevitável, e, quanto mais cedo ele perceber e começar a acreditar nele, melhor para todos os envolvidos (HUXLEY, 1957, p. 13-14, tradução livre).

A maneira como Huxley naturaliza “o negócio da evolução” como sendo um caminho sem volta, ou seja, um trabalho que não se pode recusar, uma jornada pela qual a humanidade deve passar, pois o destino e a evolução da humanidade dependem dela, é sem dúvida uma atribuição arbitrária do autor, desconsiderando todas as decisões e escolhas já tomadas por cientistas, médicos e governos, com base nas teorias da hereditariedade. Parece que Huxley está preocupado ainda com algum fenômeno que possa impedir a futura evolução da Terra e, para que não se cumpra esse destino, é necessário agir. Assim, o “homem” deve tomar as rédeas de seu destino. Esse trabalho implicaria a garantia de que seria possível promover o desenvolvimento do ser humano nas suas mais diversas possibilidades (individual ou coletivamente).

Nesse sentido, Huxley sugere que é necessário explorar e mapear “todo o reino de possibilidades humanas”, da mesma forma como a geografia física mapeou o planeta terra. E conclui que “a raça humana, de fato, está rodeada por uma grande área de possibilidades não realizadas, um desafio ao espírito de exploração” (HUXLEY, 1957, p. 15, tradução livre).

Com argumentação curta, Huxley não explica como o transhumanismo irá ser aplicado na prática, pois trata-se de uma formulação inicial. O progresso e o aperfeiçoamento da humanidade terão início quando houver a destruição de ideias e instituições que estiverem no caminho das intenções transhumanistas, e completa que essa tarefa se realizará em duas frentes:

Existem duas partes complementares de nosso dever cósmico – um para nós mesmos, a ser cumprida na realização e gozo de nossas capacidades, a outra para os outros, a ser cumprida em serviço à comunidade e na melhoria do bem-estar das gerações vindouras e o avanço de nossa espécie como um todo (HUXLEY, 1957, p. 17, tradução livre).

Como ideia central fundamental e distintiva da eugenia clássica – anterior a 1945 –, a proposta transhumanista de Huxley consiste em que será

responsabilidade de cada cidadão o avanço das gerações futuras. Esse será o cerne do discurso de aperfeiçoamento:

A espécie pode, se quiser, transcender a si mesma - não apenas esporadicamente, um indivíduo aqui de um jeito, um indivíduo de outro ali, mas em sua totalidade, como humanidade. Precisamos de um nome para essa nova crença. Talvez o transhumanismo servirá: homem permanecendo homem, mas transcendendo a si mesmo, mas realizando novas possibilidades de/e para sua natureza humana. Eu acredito no transhumanismo: uma vez que haja pessoas suficientes que verdadeiramente possam dizer isso, a espécie humana estará à frente de um novo tipo de existência [...]. Finalmente, ela estará conscientemente cumprindo seu destino real (HUXLEY, 1957, p. 17, tradução livre).

O transhumanismo proposto por Huxley é muito similar ao transhumanismo atual, ainda que seu nome não apareça (BASHFORD, 2013). Ambos partem do mesmo lugar: o pressuposto de que o humano pode ser aperfeiçoado e, não havendo uma natureza humana que deva ser preservada, ela pode e deve ser reconfigurada pelo homem. Nesse sentido, a aspiração de cosmistas, geneticistas, eugenistas e transhumanistas é a mesma: a busca por meios de aperfeiçoar a humanidade. São grupos diferentes, com suas peculiaridades, temporalidades, espacialidades e aspectos conjunturais.

### **Em defesa de uma história do futuro**

Os autores cosmistas foram revigorados pelas ciências da computação e engenheiros espaciais nos centros de pesquisa do Massachusetts Institute of Technology (MIT) na reedição de seus textos feita em 2016 e utilizada nesse artigo (GROYS, 2018). Essa reaproximação com as propostas cosmistas podem ter sido causadas pela sua plausibilidade ou pelo alinhamento com a possibilidade de concretização de suas propostas dada a velocidade dos avanços de pesquisas na área da biotecnologia, da robótica e das ciências computacionais.<sup>19</sup> O desejo de conquistar o espaço

---

<sup>19</sup> O Massachusetts Institute of Technology (MIT) é um dos centros de excelência em inovação tecnológica dos Estados Unidos, cujo *motto* defende: “ultrapassar os limites do conhecimento e suas possibilidades é nossa obsessão, e celebramos descobertas fundamentais e aplicações práticas” (tradução nossa). O MIT possui trinta departamentos e dezenas de centros e

pode parecer, à primeira vista, um exercício de vaidade de bilionários donos das empresas de capital privado SpaceX, Blue Origin e Virgin Galactic, mas é preciso observar que há toda uma historicidade dessa conjuntura, dentre as quais uma está no cosmismo russo.

Além dessa perspectiva, promessas de prolongamento da vida e de gestação fora do ventre (ectogênese) não pertencem somente às obras de ficção científica. A proposta transhumanista, como apontou Simon, pretende criar um futuro cujo resultado do melhoramento do humano é algo além do humano, e dessa forma um futuro não mais humano. (SIMON; NARITA, 2020). É preciso estar atento a isso. Sociedades em que indivíduos ocuparão lugares sociais cada vez mais distantes, sob o argumento da “liberdade”, uns com acesso às tecnologias de terapia e cura, ou do melhoramento genético, enquanto outros precarizados por um sistema no qual conceitos como liberdade e autonomia somente funcionam com aqueles que possuem capacidade de arcar com tais “serviços”.

Jared Kushner, genro e conselheiro do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, acredita que sua geração será a primeira a viver para sempre, dados os avanços na ciência (SPOCCHIA, 2022). E Kushner certamente não está sozinho. Tecnologias de fertilização (IVF) cada vez mais eficientes têm apresentado desafios a bioeticistas que debatem sobre até onde a intervenção no embrião caracteriza terapia ou seleção eugênica (SANDEL, 2004, 2007). Obviamente, a pesquisa científica dedicada à cura de doenças, a possibilidade de eliminar o sofrimento e a dor devem ser incentivados, perseguidos e comemorados, mas essa conquista deveria ser de todos, não de grupos ou interesses privados.

Nesse sentido, torna-se importante estar sensível aos debates sobre o potencial de intervenção técnica, seja ela terapêutica ou não, assim como demandar da imprensa, da universidade e de órgãos da sociedade civil brasileiros um lugar para refletir sobre essas questões em que estejam envolvidos todos os setores da sociedade, em especial aqueles mais vulneráveis. Os avanços da biotecnologia colocarão diante de nós o poder de manipular geneticamente a vida, mas também a oportunidade de refletir

---

laboratórios dedicados à pesquisa e à inovação tecnológica e intelectual (MIT - Massachusetts Institute of Technology, [s.d.]).

sobre o tipo de sociedade que queremos e sobre dentro de que modelo econômico tais inovações fazem sentido.

O desafio à frente de historiadores é retomar a historicidade de processos marcantes, como o caso do movimento eugênico, que teve impacto transnacional e duradouro mesmo após o final da Segunda Guerra Mundial e conseguiu permear e perpetuar muitas das premissas embasadas no argumento das “vidas sem valor” ou “fardo social”.<sup>20</sup> Assim, espera-se que a busca pela historicidade do transhumanismo contribua para a elucidação de conjunturas do presente e para o entendimento de que certos processos são resultado de agenciamentos e silenciamentos recuperados e rearranjados na sociedade contemporânea, sob outra roupagem.

## Referências

AGAR, N. **Liberal Eugenics:** In defense of Human Enhancement. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

AGAR, N. **Truly Human Enhancement:** A Philosophical Defense of Limits. Cambridge: MIT Press, 2014.

ARENAS, L. ¿El fin del hombre o el hombre como fin? Crónica de la polémica Sloterdijk-Habermas. **Pasajes**, v. 12, pp. 70-81, 2003.

BASHFORD, A. Julian Huxley's Transhumanism. In: TURDA, M. (Ed.). **Crafting Humans:** From Genesis to eugenics and Beyond. Goettingen: National Taiwan University Press, 2013. pp. 153-169.

BASHFORD, A. **Global Population:** History, Geopolitics and Life on Earth. New York: Columbia University Press, 2016.

BOGDANOV, A. Immortality Day. In: GROYS, B. (Ed.). **Russian Cosmism.** Cambridge: MIT Press, 2018a. pp. 215-226.

BOGDANOV, A. Tektology of the Struggle against Old Age. In: GROYS, B. (Ed.). **Russian Cosmism.** Cambridge: MIT Press, 2018b. pp. 203-214.

BOSTROM, N. In Defense of Posthuman Dignity. **Bioethics**, v. 19, n. 3, pp. 202-214, 2005a.

---

<sup>20</sup> “Unworthy of life” (sem valor para viver) era a expressão usada pelo programa de eutanásia “T4” desenvolvido por psiquiatras alemães durante a Alemanha nazista e dirigido a todos aqueles considerados portadores de deficiências, muitas vezes entendido como “mercy killings” (assassinatos de misericórdia) pela própria família da vítima, aliado à ideia de que essas pessoas também representavam um “fardo social” (HECHLER, 2017).

BOSTROM, N. A History of the transhumanist thought. **Journal of Evolution & Technology**, v. 14, n. 1, abr. 2005b.

BOSTROM, N. Existential Risk Prevention as Global Priority. **Global Policy**, v. 4, n. 1, pp. 15-31, fev. 2013.

CARLSON, E. A. Speaking Out About the Social Implications of Science: The Uneven Legacy of H. J. Muller. **Genetics**, v. 187, n. 1, pp. 1-7, jan. 2011.

CARNEIRO, Y. Misoginia: você sabe o que é? **Politize!** 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/misoginia/>. Acesso: 19/10/2022.

CASTRO-GÓMEZ, S. Sobre el concepto de antropotécnica en Peter Sloterdijk. **Revista de Estudios Sociales**, n. 43, pp. 63-73, ago. 2012.

COURTINE, J.-J. **Decifrar o Corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

DAGOGNET, F. **O Corpo**. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

DANOWSKI, D.; CASTRO, E. B. V. DE. **Há mundo por vir?: ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Instituto Socioambiental, 2014.

FEDOROV, N. Astronomy and Architecture (1904). In: GROYS, B. (Ed.). **Russian Cosmism**. Cambridge: MIT Press, 2018a. pp. 55-58.

FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. In: **Em defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. pp. 285-316.

FOUCAULT, M. A Governamentalidade. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001. pp. 277-293.

GARCIA, S. **De Dios y Ciencia: La Evolución de Francisco de Ayala**. Madrid: Alianza Editorial, 2016.

GARCÍA-REYES, D.; GALLARDO, M. Lucía Puenzo: Readings from the Margins of a Literary Film Universe. **Humanities**, v. 11, n. 2, 2022.

GROYS, B. **Russian Cosmism**. Cambridge: MIT Press, 2018.

HABERMAS, J. **The Future of Human Nature**. Berlim: Polity Press, 2003.

HALDANE, J. B. **Daedalus: or Science and the Future**. New York: E.P. Dutton & Company, 1923.

HARAWAY, D. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. **Environmental Humanities**, v. 6, pp. 159-165, 2015.

HARAWAY, D. J. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (Ed.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. pp. 33-118.

HECHLER, A. Diagnoses That Matter: My Great-Grandmother's Murder as One Deemed "Unworthy of Living" and Its Impact on Our Family | Disability Studies Quarterly. **Disability Studies Quarterly**, v. 37, n. 2, 2017.

HUESTIS, D. W. The Life and Death of Alexander Bogdanov, Physician. **Journal of Medical Biography**, v. 4, n. 3, pp. 141-147, ago. 1996.

HUGHES, J. **Citizen Cyborg: Why Democratic Societies Must respond to the Redesigned Human of the Future**. Cambridge: Westview Press, 2004.

HUXLEY, J. Transhumanism. In: **New Bottle for New Wine**. Londres: Chatto & Windus, 1957.

JANICK, J. Martyr of Science. **HortScience**, v. 50, n. 6, pp. 772-776, 2015.

KURZWEIL, R. **The Singularity is Near: When Humans Transcend Biology**. Londres: Penguin Books, 2005.

LATOURE, B. Afterword: Politics - A Glimpse at Bodybuilding. In: LATOURE, B. et al. (Eds.). **A Book of the Body Politic: Connecting Biology, Politics and Social Theory**. Venice: Fond Giorgio Cini, 2020.

LEOPOLDO, R. **Transhumanismo: uma antropologia do futuro**. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.

LEVINE, P. **Eugenics: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

MELLO, A. G. de. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência**. Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, 2014.

MIT - Massachusetts Institute of Technology. Disponível em: <https://www.mit.edu/research/>. Acesso: 23/10/2022.

MONTEIRO, M. S. A. **Dilemas do Humano: Reinventando o corpo numa era (bio)tecnológica**. Doutorado. Universidade de Campinas, Campinas, Brasil, 2005.

MORE, M.; VITA-MORE, N. **The Transhumanist Reader**. Oxford: Wiley-Blackwell Press, 2013.

MUDIMBE, V. Y. **A invenção de África: gnose, filosofia e ordem do conhecimento**. Luanda: Edições Mulemba, 1988.

MULLER, H. J. **Out of the Night: A Biologist's View of Progress**. New York: The Vanguard Press, 1935.

NARITA, F. Z. **Educação, vida urbana e moralidade:** a elaboração do povo e a invenção do social no fim de século brasileiro. Pós-doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2019.

NEVES, B. (1929). O Homem Sintético. In: **A Costela de Adão**. Rio de Janeiro: Editora a Noite, 1946. p. 17-23.

O'CONNELL, M. **To Be a Machine:** Adventures Among Cyborgs, Utopians, Hackers, and the Futurists Solving the Modest Problem of Death. New York: Anchor Books, 2018.

PAUL, D. B. **The Politics of Heredity:** Essays on Eugenics, Biomedicine, and the Nature-Nurture Debate. New York: State University of New York, 1998.

PRECIADO, P. B. **Manifesto Contrassexual:** práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: Edições N-1, 2017.

RAGO, M. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social: Rev. de Sociologia da USP**, v. 7, n. 1-2, p. 67-82, 1995.

RAGO, M. Novos modos de subjetivar: a experiência da organização Mujeres Libres na Revolução. **Source: Estudos Feministas**, v. 16, n. 1, p. 187-206, 2008.

RANISCH, R. Morality (of Transhumanism and Posthumanism). In: RANISCH, R.; SORGNER, S. (Eds.). **Post- and Transhumanism:** An Introduction. Frankfurt: Peter Lang, 2014. p. 149-172.

RUSSELL, B. **Icarus or the Future of Science**. Londres: Kegan Paul, Trench, Truber & Co., Ltd, 1924.

SANDEL, M. The Case Against Perfection What's wrong with designer children, bionic athletes, and genetic engineering. **The Atlantic Monthly**, v. 293, n. 3, p. 51-62, abr. 2004.

SANDEL, M. **The Case Against Perfection:** Ethics in the Age of genetic Engineering. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

SANT'ANNA, D. B. **Corpos de Passagem:** ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SERRES, M. **El Contrato Natural**. Valencia: Pretextos, 1990.

SIMON, Z. B.; NARITA, F. Z. Futuros em fuga, tecnologia e o colapso do entendimento em tempos de mudanças sem precedentes: entrevista com Zoltán Boldizsár Simon. **Transições**, v. 1, n. 1, 2020.

SMANIOTTO, E. I. Transhumanismo, Cosmismo e Ficção Científica: perspectivas para um futuro pós-humano, democrático, liberal e pluralístico. In: DICKMAN, I. (Ed.). **Plural:** reflexão e ação em educação. Veranópolis: Editora Diálogo Freiriano, 2021. p. 81-102.

SPOCCHIA, G. Jared Kushner says he could live forever thanks to exercise and advances in science. **Independent**, 2022. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/jared-kushner-science-live-forever-b2153302.html>. Acesso: 28/08/2022.

TRISCHLER, H. The Anthropocene: A Challenge for the History of Science, Technology, and the Environment. **NTM**, v. 24, n. 3, p. 309-335, set. 2016.

TSIOLKOVSKY, K. The Future of Earth and mankind. In: GROYS, B. (Ed.). **Russian Cosmism**. Cambridge: MIT Press, 2018. p. 113-132.

TURDA, M. Legacies of eugenics: confronting the past, forging a future. **Ethnic and Racial Studies**, v. 45, n. 13, p. 2470-2477, out. 2022.

VIGARELLO, G. **Histórias das Práticas da Saúde**. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

VINGE, V. **Technological Singularity**. Ohio: [s.n.], 1993.

WEINDLING, P. Julian Huxley and the Continuity of Eugenics in Twentieth-century Britain. **J Mod Eur Hist**, v. 10, n. 4, p. 480-499, nov. 2012.